

BESTSELLER DO NEW YORK TIMES



ESCOLA
PARA
BOAS
MÃES

JESSAMINE CHAN

SUMA
de letras



Para os meus pais

Quis descobrir uma lei que se aplicasse a toda a vida, descobri o medo. Uma lista dos meus pesadelos é o mapa para sair daqui.

ANNE CARSON, *Plainwater*

1.

— Temos a sua filha.

É a primeira terça-feira de setembro, a tarde de um dia muito mau, e Frida está a tentar manter-se na estrada. No *voicemail*, o polícia diz-lhe que tem de ir imediatamente à esquadra. Ela pára a mensagem e pouso o telemóvel. São 14h46. Queria ter chegado a casa há uma hora e meia. Vira na primeira rua lateral de Grays Ferry e estaciona em segunda fila. Liga para a esquadra e começa a desculpar-se, dizendo que perdeu a noção do tempo.

— Ela está bem?

O polícia diz-lhe que a menina está em segurança.

— Temos estado a tentar entrar em contacto consigo.

Frida desliga e liga para Gust, tem de deixar uma mensagem. Ele tem de ir ter com ela à esquadra na esquina da Eleventh com a Wharton.

— Há um problema. É a Harriet. — Fica com a voz presa. Repete a garantia do polícia de que a filha está em segurança.

Quando recomeça a guiar, pensa que não pode exceder o limite de velocidade, não pode passar os semáforos vermelhos, tem de respirar. Sentiu-se desvairada durante todo o fim de semana do Dia do Trabalhador. Na sexta-feira e no sábado, teve as insónias do costume, dormindo apenas duas horas em cada uma das noites. No domingo, quando Gust levou Harriet para passar os seus três dias e meio com Frida, Harriet estava com uma otite e cheia de dores. Nessa noite, Frida dormiu uma hora e meia. Na última noite, uma hora. Harriet chorara incessantemente, um choro demasiado grande para o tamanho do seu corpo, demasiado forte para ser absorvido pelas paredes da casa minúscula. Frida fez o que pôde. Cantou canções

de embalar, esfregou-lhe o peito, deu-lhe mais leite. Deitou-se no chão ao lado do berço de Harriet, agarrou-lhe a mão impossivelmente perfeita através das grades, beijou-lhe os nós dos dedos, as unhas, sentindo as que precisavam de ser cortadas, rezando para que Harriet fechasse os olhos.

O sol da tarde queima, quando Frida estaciona junto da esquadra da polícia, a dois quarteirões de sua casa, num antigo bairro italiano no sul de Filadélfia. Sai do carro e corre até à receção, pergunta à rececionista se viu a filha dela, uma bebé de um ano e meio; de origem asiática; olhos castanhos grandes, cabelo castanho encaracolado com franja.

— Deve ser a mãe — diz a mulher.

A rececionista, uma senhora branca de idade, com batom cor-de-rosa mal espalhado, levanta-se atrás da secretária e inspeciona Frida da cabeça aos pés, detendo-se nas suas sandálias *Birkenstock* velhas.

A esquadra parece estar praticamente vazia. A rececionista anda com passos vacilantes, favorecendo a perna esquerda. Leva Frida pelo corredor e deposita-a numa sala de interrogatório sem janelas, com as paredes de um verde-hortelã nauseabundo. Frida senta-se. Nos filmes policiais que vê às vezes, as luzes estão sempre a piscar, mas ali o clarão é constante. Está arrepiada, quem lhe dera ter um casaco ou um cachecol. Embora esteja muitas vezes exausta nos dias em que tem Harriet, naquele momento sente um peso a esmagar-lhe o peito, uma dor que passou para os ossos, entorpecendo-a.

Esfrega os braços, umas vezes atenta, outras distraída. Tira o telemóvel do fundo da mala, amaldiçoando-se por não ter visto imediatamente as mensagens do polícia, por ter posto o telemóvel no silêncio de manhã depois de se ter fartado de intermináveis chamadas automáticas, por se ter esquecido de voltar a pôr o som. Nos últimos vinte minutos, Gust ligou-lhe seis vezes e enviou uma série de mensagens preocupadas.

«Já cá estou», escreve por fim. «Vem depressa.» Devia ligar-lhe, mas está com medo. Durante a sua metade da semana, Gust telefona

todas as noites para saber se Harriet disse palavras novas ou mostrou novas capacidades motoras. Odeia a desilusão na voz dele quando não tem nada para dizer. Mas Harriet está a mudar de outras formas: aperta a mão com mais força, repara num novo detalhe num livro, olha para Frida durante mais tempo quando dão um beijo de boa-noite.

Apoiando os antebraços na mesa de metal, Frida baixa a cabeça e adormece durante uma fração de segundo. Olha para cima e vê uma câmara no canto do teto. Volta a pensar em Harriet. Decide comprar-lhe uma embalagem de gelado de morango, o seu favorito. Quando chegarem a casa, vai deixá-la brincar na banheira durante o tempo que quiser. À hora de dormir, vai ler-lhe mais livros. *Sou um Coelhoinho. Corduroy.*

Os polícias entram sem bater. O agente Brunner, aquele que lhe ligou, é um branco corpulento de 20 e tal anos, com acne nos cantos da boca. O agente Harris é um negro de meia-idade, com um bigode impecável e ombros fortes.

Frida levanta-se e cumprimenta ambos com um aperto de mão. Pedem-lhe para ver a sua carta de condução, confirmam que ela é Frida Liu.

— Onde está a minha bebé?

— Sente-se — diz o agente Brunner, olhando de relance para o peito de Frida. Volta as folhas do bloco até chegar a uma página em branco.

— A que horas saiu de casa, minha senhora?

— Talvez ao meio-dia. Meio-dia e meia? Saí para tomar um café. E depois fui ao escritório. Não devia ter ido. Eu sei. Foi uma estupidez. Estava exausta. Peço desculpa. Não tinha intenção de... Pode dizer-me onde é que ela está, por favor?

— Não queira fazer-nos de parvos, Sra. Liu — diz o agente Harris.

— Não é nada disso. Posso explicar.

— Deixou a sua bebé em casa. Sozinha. Os seus vizinhos ouviram-na chorar.

Frida abre as palmas das mãos em cima da mesa; precisa de tocar em qualquer coisa fria e sólida.

— Foi um erro.

Os agentes chegaram por volta das 14 horas, entrando pelo passadiço. A porta de vidro de correr entre a cozinha de Frida e o quintal estava aberta, apenas com a frágil porta de rede a proteger a criança.

— Então, a sua bebé... Chama-se Harriet, é isso? A Harriet ficou sozinha duas horas. Acha isso bem, Sra. Liu?

Frida senta-se em cima das mãos. Saiu do seu corpo e agora está a flutuar lá no alto.

Dizem-lhe que Harriet está a ser examinada num centro de crise para crianças.

— Alguém há de trazê-la...

— A examiná-la, como assim? Não é o que vocês estão a pensar. Eu nunca...

— Aguenta aí, minha senhora — diz o agente Brunner. — Parece ser uma pessoa inteligente. Vamos voltar atrás. Para já, porque é que deixou a sua filha sozinha em casa?

— Fui tomar um café e depois fui ao escritório. Precisava de um ficheiro. Em papel. Devo ter perdido a noção do tempo. Já estava a ir para casa quando vi que vocês me tinham ligado. Peço desculpa. Não durmo há vários dias. Tenho de ir buscá-la. Posso ir agora?

O agente Harris abana a cabeça.

— Ainda não acabámos. Onde é que devia estar hoje? Quem é que estava com a bebé?

— Era eu. Como já disse, fui ao escritório. Trabalho na Wharton.

Explica-lhes que é responsável por uma publicação de resumos de pesquisas, reescrevendo artigos académicos sob a forma de pequenos artigos com conclusões dirigidas à comunidade empresarial. É como se estivesse a fazer exames finais sobre assuntos dos quais não percebe nada. Trabalha em casa de segunda a quarta-feira, quando tem a guarda de Harriet — foi um acordo especial. É o primeiro emprego a tempo inteiro que tem desde que ela nasceu. Só está

lá há seis meses. É tão difícil arranjar um emprego decente, aliás, qualquer emprego, em Filadélfia.

Diz-lhes que o chefe é muito exigente e que os prazos são sempre apertados. O professor com quem está a trabalhar agora tem 81 anos. Nunca lhe envia as suas notas por *e-mail*. Ela esqueceu-se de as trazer para casa na sexta-feira e precisava delas para o artigo que está a acabar.

— Ia só buscar o ficheiro e depois voltava logo para casa. Fiquei presa a responder a *e-mails*. Devia...

— Foi trabalhar assim? — O agente Harris aponta com o queixo para a cara não maquilhada de Frida, para a sua camisa de cambraia com nódoas de pasta de dentes e manteiga de amendoim. O cabelo comprido preso de qualquer maneira. Os calções. A mancha no queixo.

Frida engole em seco.

— O meu chefe sabe que eu tenho uma bebé.

Eles vão tomando notas. Vão verificar se ela tem antecedentes, mas, se tiver alguma infração anterior, deve dizer-lhes já.

— Claro que não tenho antecedentes. — Sente o peito apertado. Começa a chorar. — Foi um erro. Têm de acreditar em mim. Vão prender-me?

Os agentes dizem que não. Mas avisaram os Serviços de Proteção à Infância (SPI). Estão à espera de uma assistente social.

*

Sozinha na sala verde-hortelã, Frida morde os dedos. Lembra-se de ter tirado Harriet do berço e de lhe ter mudado a fralda. Lembra-se de lhe dar o biberão da manhã, de lhe ter dado um iogurte e uma banana, de lhe ler um livro dos Ursinhos Berenstain, aquele sobre uma festa do pijama.

Estavam acordadas desde as quatro da manhã. Frida devia ter entregado o artigo na semana anterior. Durante toda a manhã, andou para trás e para a frente entre o canto dos brinquedos de Harriet

e o sofá da sala, onde tinha as suas notas espalhadas na mesa do café. Escreveu o mesmo parágrafo vezes sem conta, tentando explicar a metodologia bayesiana a leigos. Harriet não parava de gritar. Queria estar ao colo de Frida. Queria estar agarrada a ela. Pegou nos papéis dela e atirou-os para o chão. Estava constantemente a tocar no teclado.

Frida devia ter ligado a televisão e posto Harriet a ver um programa qualquer. Lembra-se de ter pensado que, se não conseguisse terminar o artigo, se não conseguisse acompanhar o ritmo, o chefe não a deixaria continuar a trabalhar em casa e ela teria de pôr Harriet na creche, algo que queria evitar a todo o custo. Lembra-se de então a ter posto no andarilho, uma enghoca que devia ter desaparecido há meses, assim que Harriet começara a andar. Mais tarde, Frida deu-lhe água e bolachas em forma de animais. Viu se a fralda estava seca. Deu-lhe um beijinho na cabeça, que cheirava a oleoso. Apertou os braços gorduchos de Harriet.

Ela estaria em segurança no andarilho, pensou. Não podia ir a lado nenhum. O que é que podia acontecer no espaço de uma hora?

Sob a luz crua da sala de interrogatório, Frida morde as cutículas, arrancando pedaços de pele. As lentes de contacto estão a matá-la. Tira um pequeno espelho da mala e examina as olheiras cinzentas. Costumavam achá-la encantadora. É pequenina e franzina e, com a sua cara redonda e a franja e as feições de boneca de porcelana, as pessoas costumavam achar que ela ainda estava na casa dos 20. Mas agora, com 39 anos, tem sulcos profundos entre as sobrancelhas e nos cantos da boca, rugas que apareceram depois do parto e que se tornaram mais pronunciadas depois de Gust a ter trocado por Susanna, quando Harriet tinha 3 meses.

De manhã, não tomou duche nem lavou a cara. Tinha medo de que os vizinhos se queixassem do choro. Devia ter fechado a porta das traseiras. Devia ter voltado logo para casa. Nunca devia ter saído. Para começar, devia ter-se lembrado do ficheiro. Ou ter ido buscá-lo durante o fim de semana. Devia ter cumprido o prazo inicial.

Devia ter dito aos polícias que não pode ficar sem aquele trabalho. Que Gust contratou um solicitador para determinar a pensão de alimentos. Ele não queria desperdiçar dinheiro em custas no tribunal. Com o trabalho gratificante mas mal pago de Gust, a dívida do seu empréstimo a estudantes, o potencial de ganhos de Frida e o facto de a custódia ser partilhada, o solicitador sugeriu que Gust lhe desse 500 dólares por mês, nem pouco mais ou menos o suficiente para a sustentar a ela e a Harriet, principalmente desde que deixara o emprego em Nova Iorque. Não tinha coragem para lhe pedir mais. Não lhe pedia a pensão de alimentos. Os seus pais ajudá-la-iam se ela pedisse, mas não pode pedir, odiar-se-ia a si própria se o fizesse. Já tinham financiado toda a sua vida durante a separação.

São 16h15. Ao ouvir vozes no corredor, abre a porta e vê Gust e Susanna a falarem com os polícias. Susanna vem ter com ela e abraça-a, e continua a abraçá-la, apesar de Frida se manter inflexível, envolta no exuberante cabelo ruivo de Susanna e no perfume com aroma de sândalo.

Susanna esfrega as costas de Frida, como se fossem amigas. A missão dela é amansá-la até a matar. Uma guerra de atrito. Susanna tem apenas 28 anos, uma ex-dançarina. Antes de ela ter aparecido na sua vida, Frida não tinha percebido que o intervalo entre 28 e 39 anos podia ser tão potente e mortífero. A rapariga tem uma cara delicada de ossos finos, com uns olhos azuis enormes que lhe dão um ar frágil, de livro de histórias. Mesmo nos dias em que não faz mais nada além de cuidar de crianças, pinta os olhos com um delineador preto e veste-se como uma adolescente, mostrando uma confiança que Frida nunca teve.

Gust está a apertar a mão aos outros homens. Frida olha fixamente para o chão e espera. O Velho Gust começaria a gritar. Como fazia nas noites em que ela se escondia na casa de banho a chorar em vez de pegar na bebé ao colo. Mas este é o Novo Gust, o que a abraça com ternura apesar da sua negligência, o que se tornou plácido com o amor e o estilo de vida sem toxinas de Susanna.

— Desculpa, Gust.

Pede a Susanna que espere lá fora, depois dá o braço a Frida e leva-a de volta para a sala verde-hortelã, onde se senta a seu lado, a acariciar-lhe as mãos. Há muitos meses que não estavam sozinhos juntos. Ela sente-se envergonhada por desejar um beijo num momento como aquele. Ele é mais belo do que ela alguma vez mereceu, alto, magro e musculado. Aos 42 anos, o seu rosto anguloso tem rugas causadas por demasiado sol, e as ondas do seu cabelo, arenosas e cinzentas, estão maiores para agradar a Susanna. Faz lembrar o surfista que foi na juventude.

Gust aperta-lhe as mãos com mais força, magoando-a.

— É óbvio que o que aconteceu hoje...

— Não tenho dormido nada. Não pensei. Sei que isso não serve de desculpa. Pensei que ela ficava bem durante uma hora. Ia só buscar uma coisa e voltava logo.

— Porque é que fizeste isso? Agiste mal. Não estás a criá-la sozinha. Podias ter-me telefonado. A um de nós. A Susanna podia ter-te ajudado. — Gust agarra-a pelos pulsos. — Esta noite, ela vem para nossa casa. Olha para mim. Estás a ouvir, Frida? Isto é sério. Os polícias disseram que podes perder a custódia.

— Não. — Frida solta as mãos. A sala gira à sua volta.

— Temporariamente — acrescenta ele. — Não estás a respirar, querida. — Abana-a pelo ombro e diz-lhe que respire fundo, mas ela não consegue. Se o fizer, pode vomitar.

Do outro lado da porta, ouve um choro.

— Posso?

Gust acena com a cabeça.

Susanna traz Harriet ao colo. Deu-lhe umas fatias de maçã. Frida fica sempre furiosa ao ver a facilidade com que Harriet se dá com Susanna, mesmo naquele momento, depois de um dia de doença, medo e desconhecidos. Esta manhã, Frida vestiu Harriet com uma *T-shirt* roxa com um dinossauro, *leggings* às riscas e uns mocassins, mas agora está com uma camisola cor-de-rosa esfarrapada, calças de ganga demasiado grandes e meias, mas sem sapatos.

— Por favor — diz Frida, tirando Harriet a Susanna.

Harriet agarra-se ao pescoço de Frida. Agora que já estão juntas outra vez, o corpo dela descontrai-se.

— Tens fome? Deram-te comida?

Harriet funga. Tem os olhos vermelhos e inchados. As roupas emprestadas cheiram mal. Frida imagina funcionários públicos a despirem Harriet, a tirarem-lhe a fralda, a inspecionarem o seu corpo. Será que alguém lhe tocou onde não devia? Como é que ela poderá alguma vez compensar a sua menina por uma coisa destas? Irá demorar meses, anos ou a vida inteira?

— Mamã. — Harriet está rouca.

Frida encosta a têmpora à da filha.

— A mamã está tão triste. Vais ter de ficar com o papá e a Sue-Sue uns dias, está bem? Desculpa, querida. Desta vez, fiz asneira da grossa. — Dá um beijinho na orelha de Harriet. — Ainda dói?

Ela diz que sim com a cabeça.

— O papá vai dar-te o remédio. Prometes que vais portar-te bem? — Frida começa a dizer que irão ver-se em breve, mas recua. Prende o dedo mindinho no de Harriet. — Galáxias — diz em surdina. É uma das suas brincadeiras preferidas, uma promessa que fazem ao deitar. *Prometo que te dou a Lua e as estrelas. Amo-te mais do que galáxias.* É o que costuma dizer quando aconchega a roupa a Harriet, àquela menina com a mesma cara de lua, as mesmas pálpebras duplas, a mesma boca pensativa.

Harriet começa a adormecer no seu ombro.

Gust puxa o braço de Frida.

— Temos de a levar para casa para lhe dar o jantar.

— Ainda não. — Segura Harriet e abana-a, beijando-lhe a bochecha salgada. Têm de lhe tirar aquelas roupas nojentas. Têm de lhe dar banho. — Vou dar em doida com saudades tuas. Adoro-te, bebé. Adoro-te, adoro-te, adoro-te.

Harriet estremece, mas não responde. Frida olha uma última vez para ela e depois fecha os olhos quando Gust lhe tira a bebé.

*

A assistente social ficou presa no trânsito da hora de ponta. Passa mais meia hora. Frida liga para Gust.

— Esqueci-me de te dizer. Sei que vocês andam a cortar nos latifúndios, mas por favor deem-lhe sobremesa hoje à noite. Eu ia deixá-la comer gelado.

Gust diz-lhe que já jantaram. Susanna está a dar-lhe banho. Frida torna a pedir desculpa, sabe que aquilo pode ser o princípio de anos a pedir desculpa, que se meteu num buraco do qual pode nunca mais sair.

— Mantém-te calma quando estiveres a falar com eles — diz Gust. — Não te passes. Tenho a certeza de que isto vai acabar num instante.

Frida resiste a dizer *Amo-te*. Resiste a agradecer-lhe. Diz-lhe boa noite e começa a andar de um lado para o outro. Devia ter perguntado aos agentes quais foram os vizinhos que os chamaram. Se foi o casal de idosos que tem postais desbotados do papa João Paulo II colados à porta de rede. Ou a mulher que vive do outro lado da vedação das traseiras, cujos gatos defecam no quintal de Frida. Ou o casal do outro lado da parede do seu quarto, cujos gemidos libidinosos a tornam mais solitária do que já é.

Ela não sabe o nome de nenhum deles. Tentou cumprimentá-los, mas, quando o faz, eles ignoram-na ou atravessam a rua. No ano passado, arrendou uma casa em banda com três divisões, perto de Passyunk Square. É a única moradora não-branca no seu quarteirão, a única que não vive lá há décadas, a única *yuppie*, a única inquilina, a única com um bebé. Foi o maior espaço que conseguiu encontrar num prazo tão curto. Foi preciso os seus pais coassinarem o arrendamento; ainda não tinha arranjado o emprego na Penn. O lado ocidental de Filadélfia ficava perto do trabalho, mas era demasiado caro. Fishtown, Bella Vista, Queen Village e Graduate Hospital eram demasiado caros. Tinham-se mudado de Brooklyn para Filadélfia

quando Gust, arquiteto paisagista, tinha sido contratado por uma prestigiada empresa de telhados verdes de Filadélfia. Os projetos da sua empresa centram-se na sustentabilidade: recuperação de zonas húmidas, sistemas de águas pluviais. Gust disse que ali poderiam poupar dinheiro para comprar uma casa. Ainda estariam suficientemente perto de Nova Iorque para lá ir sempre que quisessem. Seria um lugar melhor para criar os filhos. Agora está presa na cidade mais pequena em que já viveu, uma cidade de brincar onde não tem nenhuma rede de apoio e apenas alguns conhecidos, nenhum amigo verdadeiro. E, devido à custódia partilhada, tem de lá ficar até Harriet fazer 18 anos.

Uma das luzes do teto está a zumbir. Frida tem vontade de descansar a cabeça, mas não consegue livrar-se da sensação de estar a ser vigiada. Susanna vai contar aos seus amigos. Gust vai contar aos seus pais. *Ela* terá de contar aos seus pais. Arrancou a maior parte das peles do polegar esquerdo. Apercebe-se da dor de cabeça, da boca seca, do desejo de sair imediatamente daquela sala.

Abre a porta e pede autorização para ir à casa de banho e comprar qualquer coisa para comer. Compra biscoitos de manteiga de amendoim e uma tablete de chocolate na máquina de venda automática. Não come desde o pequeno-almoço. Apenas café. Tem tido as mãos a tremer durante todo o dia.

Quando regressa, a assistente social está à sua espera. Frida deixa cair a tablete meio comida e apanha-a desajeitadamente, vendo as barrigas das pernas firmes da assistente social nuns corsários pretos, os seus ténis. A mulher é jovem e atraente, deve ter cerca de 25 anos, e percebe-se que veio diretamente do ginásio. Tem um blusão de licra sobre um *top*, com uma cruz de ouro mesmo acima do decote. Os músculos dos braços veem-se através da roupa. O cabelo loiro pintado está preso num rabo de cavalo, que dá aos seus olhos muito separados um ar reptiliano. Tem uma pele bonita, mas está com uma quantidade tremenda de base e o rosto cheio de contornos e brilhos. Quando sorri, Frida vê os seus dentes brancos e brilhantes de estrela de cinema.

Cumprimentam-se com um aperto de mão. A assistente social, a Sra. Torres, aponta para o bocadinho de chocolate que Frida tem nos lábios e, antes de ela poder limpá-los, começa a tirar-lhe fotografias. Vê as peles arrancadas das unhas de Frida e pede-lhe que abra as mãos.

— Porquê?

— Tem algum problema, Sra. Liu?

— Não. Está bem.

Tira uma fotografia em grande plano das mãos de Frida e depois da cara. Observa as nódoas na camisa dela. Apoia o *tablet* e começa a escrever.

— Pode sentar-se.

— O meu ex-marido disse que podiam suspender a guarda da minha filha. É verdade?

— Sim, é. A criança vai ficar sob os cuidados paternos.

— Mas isto nunca mais vai voltar a acontecer. O Gust sabe isso.

— Sra. Liu, é um afastamento de urgência devido ao perigo iminente. Deixou a sua filha sozinha.

Frida cora. Tem sempre a sensação de que está a fazer asneira, mas desta vez há provas.

— Não encontrámos sinais de maus-tratos físicos, mas a sua filha estava desidratada. E cheia de fome. Segundo o relatório, a fralda deixou passar o chichi para a roupa. Ela esteve muito tempo a chorar. Estava numa grande aflição. — A assistente social folheia as suas notas, depois ergue uma sobranceira. — E a sua casa estava suja.

— Eu normalmente não sou assim. Tinha a intenção de limpar a casa no fim de semana. Jamais faria mal à minha filha.

A assistente social esboça um sorriso frio.

— Mas fez-lhe mal. Porque é que não a levou consigo? Que mãe é que não percebe que, se quiser ou tiver de sair de casa, tem de levar a filha consigo?

Fica à espera da resposta de Frida. Esta recorda a crescente frustração e angústia daquela manhã, o desejo egoísta de um momento

de paz. Na maior parte dos dias, consegue ultrapassar esse desejo. É humilhante terem aberto um processo contra ela, como se batesse em Harriet ou lhe desse uma vida de miséria, ou como se fosse uma daquelas mães que deixaram o bebé no banco de trás do carro, num dia quente de verão.

— Foi um erro.

— Sim, já disse isso. Mas tenho a sensação de que há qualquer coisa que não está a dizer-me. Porque é que decidiu assim de repente ir ao escritório?

— Fui tomar um café. Depois fui até à Penn. Tive de ir buscar um ficheiro que me esqueci de trazer para casa. Só tinha uma cópia em papel. Estou a trabalhar num artigo de um dos professores mais antigos da Faculdade de Economia. Ele já se queixou de mim ao reitor uma vez. Quando escrevi mal uma citação dele. Tentou que eu fosse despedida. E depois, quando cheguei ao escritório, comecei a responder a *e-mails*. Devia ter prestado atenção às horas. Sei que não devia tê-la deixado sozinha em casa. Sei isso perfeitamente. Fiz asneira.

Frida solta o cabelo.

— A minha filha não tem dormido. Devia fazer duas sesta por dia, mas não faz nenhuma. Tenho dormido no chão ao lado do berço dela. Ela só adormece se eu lhe der a mão. E se eu tentar sair do quarto, acorda instantaneamente e desata a chorar. Os últimos dias são um borrão na minha cabeça. Tenho-me sentido sufocada. Não tem dias assim? Tenho andado tão cansada que até tenho dores no peito.

— Todos os pais se sentem cansados.

— A minha intenção era voltar logo para casa.

— Mas não o fez. Meteu-se no carro e foi-se embora. Isso é abandono, Sra. Liu. Se quiser sair de casa quando lhe apetecer, arranja um cão, não uma criança.

Frida pestaneja para conter as lágrimas. Quer dizer que não é igual às más mães que aparecem nas notícias. Não incendiou a casa. Não deixou Harriet numa estação de metro. Não prendeu Harriet ao banco de trás e atirou o carro para um lago.

— Sei que fiz uma grande asneira, mas não era minha intenção. Percebo que o que fiz é uma verdadeira loucura.

— Sra. Liu, tem antecedentes de doenças mentais?

— Tive uma depressão que às vezes ainda aparece. Não era isso que queria dizer. Eu não sou...

— Devemos assumir que se tratou de um surto psicótico? Um episódio maníaco? Estava sob a influência de alguma substância?

— Não, claro que não! E não sou maluca. Não vou fingir que sou uma mãe perfeita, mas os pais cometem erros. Tenho a certeza de que já deve ter visto coisas piores.

— Mas não estamos a falar de outros pais. Estamos a falar de si. Frida tenta acalmar a voz.

— Preciso de a ver. Quanto tempo demorará isto? Ela nunca esteve longe de mim por mais de quatro dias.

— Não há nada que se resolva tão depressa.

A assistente social explica o processo como se estivesse a ler uma lista de compras. Frida será submetida a uma avaliação psicológica, tal como Harriet. A bebé irá fazer psicoterapia. Haverá três visitas supervisionadas ao longo dos próximos sessenta dias. O Estado irá recolher dados. Os SPI estão a lançar um novo programa.

— Farei a minha recomendação — diz a assistente social. — E o juiz decidirá qual o plano de custódia que melhor serve os interesses da criança.

Quando Frida tenta falar, a mulher interrompe-a.

— Sra. Liu, dê-se por muito feliz por o pai da criança estar presente. Se não tivéssemos a opção do parentesco, teríamos de a entregar a uma família de acolhimento de emergência.

*

Nessa noite, mais uma vez, Frida não consegue dormir. Precisa de dizer ao juiz do tribunal de família que Harriet não foi vítima de maus-tratos, não foi negligenciada, que a sua mãe teve apenas um dia

muito mau. Precisa de perguntar ao juiz se ele alguma vez teve um dia mau. No seu dia mau, ela precisou de sair da casa da sua mente, presa na casa do seu corpo, preso na casa onde Harriet estava sentada no andarilho com um prato de bolachas com formas de animais. Gust costumava explicar assim o mundo inteiro: a mente como uma casa que vive na casa do corpo, que vive na casa de uma casa, que vive na casa maior que é a cidade, na casa ainda maior do estado, nas casas da América, da sociedade e do universo. Dizia que essas casas se encaixam umas nas outras como as bonecas russas que compraram para Harriet.

O que ela não consegue explicar, o que não quer admitir, aquilo de que não se lembra bem: o prazer repentino que sentiu quando fechou a porta e entrou no carro que a libertou da mente, do corpo, da casa e da filha.

Apressou-se a sair quando Harriet não estava a olhar. Agora pensa se isso não será o mesmo que disparar contra alguém pelas costas, a coisa menos justa que ela alguma vez fez. Comprou um *latte* gelado no café ao fundo do quarteirão e depois foi a pé até ao carro. Jurou que voltaria logo para casa. Mas o café de dez minutos transformou-se em trinta, que se transformou em uma hora, que se transformou em duas, depois em duas horas e meia. O prazer da viagem não a deixava parar. Não era o prazer do sexo, do amor ou do pôr do Sol, mas o prazer de se esquecer do seu corpo, da sua vida.

À uma da manhã, sai da cama. Não limpa a casa há três semanas, nem acredita que a polícia a viu naquele estado. Apanha os brinquedos de Harriet, esvazia a reciclagem, aspira os tapetes, faz uma máquina de roupa, limpa o andarilho, que está todo sujo, envergonhada por não o ter limpadado mais cedo.

Continua a limpar até às cinco e fica tonta com os desinfetantes e a lixívia. Esfregou o lavatório. Esfregou a banheira. Lavou o chão de madeira com a esfregona. A polícia não está ali para ver como o fogão está limpo. Não vê como a sanita está imaculada, que as roupas de Harriet estão dobradas e arrumadas, que as caixas de comida meio

vazias foram deitadas fora, que já não há pó em todas as superfícies. Mas, enquanto continuar a mexer-se, não terá de ir dormir sem Harriet, não estará à espera de a ouvir chamá-la.

Deita-se no chão limpo, com o cabelo e a camisa de dormir ensoados em suor, arrefecidos pela brisa que vem da porta das traseiras. Normalmente, quando não consegue dormir e Harriet está lá em casa, tira-a do berço e fica com ela ao colo, enquanto Harriet dorme no seu ombro. A sua doce menina. Sente falta do peso e do calor dela.

*

Frida acorda às dez com o nariz a pingar e com dores de garganta, ansiosa por dizer a Harriet que a mamã finalmente conseguiu dormir, que hoje pode levá-la ao parque infantil. Apercebe-se, então, com um pavor que vai aumentando lentamente, de que Harriet não está em casa.

Senta-se e roda os ombros doridos, lembrando-se da assistente social e da sala verde-hortelã, de ser tratada como uma criminosa. Imagina os políciais a entrarem naquela casa apertada e escura e a encontrarem Harriet, muito assustada, no meio da desordem. Talvez tenham visto os armários e o frigorífico, praticamente vazios. Talvez tenham visto migalhas na bancada, papel de cozinha amanchucado, sacos de chá no lava-loiça.

Frida e Gust ficaram cada um com os móveis que tinham trazido para o casamento. A maioria das peças mais bonitas era dele. A maior parte da decoração e das obras de arte. Estavam a redeçar a casa antiga quando ele se foi embora. A atual casa de Frida tinha sido pintada em tons pastel pelo senhorio: a sala de um amarelo-pálido, a cozinha de cor de tangerina, o andar de cima de lavanda e azul-pálido. Os móveis e a decoração de Frida chocam com as paredes: as molduras pretas, o seu tapete persa cor de ameixa e azul-escuro, a poltrona verde-azeitona.

Nunca conseguiu manter quaisquer plantas vivas. As paredes da sala de estar e da cozinha estão nuas. No corredor do andar de cima, só pendurou algumas fotografias dos pais e dos avós, na tentativa de lembrar Harriet da sua ascendência, embora Frida não domine suficientemente o mandarim para lhe ensinar a língua. No quarto de Harriet, além de um cordão de bandeiras de tecido coloridas, pendurou uma fotografia de Gust de há oito anos. Queria que ela visse o pai ali, quanto mais não fosse a sua fotografia, embora saiba que Gust não faz o mesmo. Essa é uma das coisas terríveis que há na guarda partilhada. Uma criança deve ver a mãe todos os dias.

Verifica o telefone. Não atendeu uma chamada do chefe, que quer saber porque é que ela não respondeu aos *e-mails* dele. Frida liga-lhe e pede desculpa, dizendo que teve uma intoxicação alimentar. Pede mais tempo.

Depois de tomar banho, telefona à advogada do divórcio, Renee.

— Preciso que arranjes um buraco para me receberes. Por favor. É uma emergência.

*

A rua estreita onde Frida mora está vazia hoje à tarde, embora nos dias de sol os vizinhos idosos gostem de se juntar em cadeiras de jardim no pequeno passeio do quarteirão. Gostava que a vissem naquele momento, com calças feitas por medida, blusa de seda e sapatos de cunha. Maquilhou-se e escondeu as pálpebras inchadas atrás de umas armações grossas de tartaruga. Os polícias e a assistente social deviam tê-la visto assim, competente, bem arranjada e digna de confiança.

O escritório de Renee fica no quinto andar de um edifício em Chestnut Street, dois quarteirões a norte de Rittenhouse Square. Durante algum tempo no ano anterior, aquele escritório foi uma espécie de segunda casa de Frida. E Renee, uma irmã mais velha.

— Entra, Frida. O que é que aconteceu? Estás tão pálida.

Frida agradece a Renee por tê-la recebido tão em cima da hora. Olha à sua volta e lembra-se de quando Harriet se babou no sofá de couro e tirou todos os bocadinhos de algodão da tapete. Renee é uma morena encorpada, com 40 e muitos anos, que gosta de camisolas de gola alta e joias turquesa chamativas. Outra transferida de Nova Iorque. Começaram a dar-se uma com a outra por se sentirem forasteiras numa cidade onde parece que toda a gente se conhece desde o jardim de infância.

Renee fica de pé, enquanto Frida lhe explica o que aconteceu, encostada à secretária de braços cruzados. Ela está mais zangada do que Gust e Susanna estavam, mais chocada e desapontada. Frida tem a sensação de que está a falar com os pais.

— Porque é que não me ligaste ontem à noite?

— Não percebi o sarilho em que me meti. Fiz asneira da grossa. Eu sei isso. Mas foi um erro.

— Não podes chamar-lhe isso — diz Renee. — Essas pessoas estão-se nas tintas para as tuas intenções. Os tipos dos SPI estão cada vez mais agressivos. — No ano passado, morreram duas crianças que estavam à sua guarda. O governador diz que não há margem para erros. Estão a ser implementadas regras novas, houve um referendo nas últimas eleições locais.

— De que é que estás a falar? Isto não é um caso de maus-tratos. Não sou uma dessas pessoas. A Harriet ainda é bebé. Não vai lembrar-se.

— Frida, deixares a tua filha sozinha em casa não é um pequeno erro. Percebes isso, não percebes? Sei que há mães que ficam stressadas e saem porta fora às vezes, mas tu foste apanhada.

Frida olha para baixo, para as mãos. Estupidamente, estava à espera de que Renee a reconfortasse e encorajasse, como fez durante o divórcio.

— Vamos chamar-lhe um lapso na capacidade de discernimento — diz Renee. — Não podes voltar a dizer que foi um erro. Tens de assumir a responsabilidade.

Renee acha que recuperar a custódia pode demorar semanas. Na pior das hipóteses, alguns meses. Ouviu dizer que agora os SPI são muito mais rápidos. Há um novo enfoque na transparência e na responsabilização, na recolha de dados, dando aos pais mais oportunidades para provarem do que são capazes. Estão a tentar desburocratizar o processo ao nível nacional, para que haja menos variações de estado para estado. A diferença entre estados foi sempre problemática. Mas, em grande medida, depende do juiz.

— Porque é que eu não ouvi falar disso? — pergunta Frida.

— Provavelmente não prestaste atenção, porque não se aplicava a ti. Porque haverias de o fazer? Estavas apenas a viver a tua vida. — Frida deveria concentrar-se no objetivo final: recuperar Harriet, caso encerrado. Mesmo quando recuperar a custódia, provavelmente vai haver um período de experiência com mais vigilância, talvez durante um ano. O juiz poderá exigir que seja aplicado a Frida todo o programa: inspeção da casa, aulas de parentalidade, psicoterapia. Chamadas telefónicas e visitas supervisionadas são melhores do que nada. Alguns pais não têm direito a nada. Mesmo que ela passe por tudo isso, infelizmente não há garantias. Se, Deus queira que não, na pior das hipóteses, o Estado a considerar inapta e decidir contra a reposição da custódia, podem tirar-lhe os direitos parentais.

— Mas isso não pode acontecer-nos, pois não? Nem percebo porque é que estás a dizer-me isso tudo.

— Porque tens de ter muito cuidado a partir de agora. Não quero assustar-te, Frida, mas estamos a falar do direito de família. Quero que saibas o tipo de pessoas com quem estás a lidar. A sério, não quero ver-te metida num desses grupos de discussão dos direitos dos pais. Não está na altura de dizeres o que quer que seja em tua defesa. Vais dar em doida. E vais deixar de ter privacidade. Lembra-te disso. Vão andar a vigiar-te. E ainda não divulgaram nenhuma informação específica sobre o novo programa.

Renee senta-se ao lado de Frida.

Uma das leituras recomendadas por Barack Obama



Frida Liu está exausta. Depois de ser abandonada pelo marido com uma filha pequena, vê-se obrigada a conciliar o trabalho a tempo parcial com a educação da pequena Harriet. Mas por mais que ame a filha e por muito que se esforce, nada parece ser suficiente. E tudo piora quando Frida tem um dia muito mau e se vê obrigada a deixar a menina sozinha em casa por algumas horas.

O Estado tem vigiado mães como Frida: mulheres que deixam os filhos sem supervisão, que se distraem com outros afazeres enquanto as crianças brincam, que cometem erros. Depois do que aconteceu, Frida perde a guarda de Harriet e é inserida num programa de reabilitação que visa formar mulheres para se tornarem boas mães.

Perante o risco de perder Harriet para sempre, Frida tem de provar que consegue corresponder aos padrões de exigência da Escola para Boas Mães — que consegue aprender a ser boa, mesmo quando o julgamento parece injusto e o sucesso parece impossível.



«Numa altura em que o controlo exercido pelo Estado sobre o corpo (e a autonomia) das mulheres parece mais arrepiante do que nunca, este livro parece horrivelmente inacreditável e assustadoramente presciente ao mesmo tempo.»

Vogue



Penguin
Random House
Grupo Editorial



penguinlivros.pt



@penguinlivros



sumadeletrasportugal

ISBN 9789897848049



9 789897 848049 >